

O EMPREGO DO PRONOME LEXICAL COMO OBJETO DIRETO

Isabel dos Santos Magalhães Gomes*
(Uesb)

Elisângela Gonçalves **
(Uesb)

RESUMO.

Este trabalho consiste em uma investigação sociolingüística de como se dá a realização do objeto direto anafórico: sua supressão e seu preenchimento ora com o pronome clítico ora com o pronome lexical no português falado em Vitória da Conquista - BA. Acreditávamos, inicialmente, que, nessa comunidade, o uso do pronome lexical se não se sobrepunha ao da categoria vazia, ocorreria em igual frequência, no entanto os dados mostram que, a exemplo de outras comunidades investigadas, prevalece o objeto nulo. No concernente aos fatores que condicionam essa variação, defendemos que a explicação desse fenômeno está contemplada na imbricação de fatores internos (lingüísticos) e externos (extralingüísticos) à língua.

PALAVRAS-CHAVE: SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA; OBJETO DIRETO; CATEGORIA VAZIA; Pronome lexical; Comunidade lingüística de Vitória da Conquista-BA.

INTRODUÇÃO

As variações lingüísticas têm sido objeto de estudo de vários pesquisadores da língua ao longo dos tempos, pois há muito que já se compreende a língua como um organismo vivo e passível de sofrer mudanças. A língua portuguesa, obviamente, também constitui fonte de interesse de muitos linguistas, tanto em estudos sincrônicos como diacrônicos³⁵ que se propõem a investigar as variações inerentes ao nosso sistema lingüístico.

*Especialista em Lingüística Aplicada ao Ensino do Português. E-mail: belisamgomes@ig.com.br.

** Professora Assistente do Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: angellsilva75@yahoo.com.br.

¹Segundo Câmara Jr. (1986, p. 96, 220-221), "sincronia e diacronia foram termos empregados por Saussure" (1922, 117). O termo diacronia é utilizado para designar a transmissão de uma língua, de geração em geração, através do tempo, sofrendo ela mudanças em todos os níveis, cujo conjunto constitui a evolução lingüística. Assim, a diacronia é responsável pela história interna da língua, compreendendo a gramática histórica, a

Em trabalhos mais recentes acerca do português falado no Brasil, comprovou-se que, ao contrário do que prevê a Gramática Tradicional (o português como uma língua de sujeito nulo e objeto preenchido), o sujeito tem sido cada vez mais preenchido ao passo que o objeto tem sido suprimido. A comprovação desse fenômeno linguístico nos falares de outras regiões do Brasil despertou o nosso interesse para analisá-lo também em nossa comunidade. Entre os conquistenses estaria ocorrendo as mesmas variações ou tal fenômeno se daria de forma diferenciada da que ocorre nas demais regiões já investigadas?

Diferentemente também do que é previsto pela Gramática Tradicional - o objeto direto anafórico retomado pelo pronome clítico - no português falado no Brasil, tem-se constatado possibilidades outras de realização dessa categoria sintática: preenchida pelo pronome lexical e/ou pelo objeto nulo. Essa constatação levou-nos a observar mais atentamente os eventos de fala ao nosso redor. Pareceu-nos, *a priori*, que em relação ao objeto correferente (anafórico) – o qual elegemos para a nossa pesquisa – os conquistenses realizavam-no preenchido pelo pronome lexical com maior ou igual frequência à categoria vazia, divergindo do que apontam as pesquisas realizadas em outras comunidades, nas quais ficou evidente a predominância da elisão do objeto em posição anafórica. Isto, pois, é o que objetivamos investigar com este trabalho. Analisaremos também o preenchimento do referido objeto pelo clítico, contrapô-lo-emos às outras categorias (objeto nulo e pronome lexical), observando se o não uso deste tem se acentuado nesta comunidade na mesma medida de outras localidades do Brasil.

Isto posto, trataremos da metodologia por nós adotada para a realização deste estudo. Tomamos como base a Sociolinguística Variacionista (Laboviana) que, conforme Mollica (1992, p.14), dentre outras atribuições, possui a preocupação com “a investigação do grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, e com o diagnóstico das variáveis que condicionam e contextualizam as variantes.”

Assim, defendemos, de acordo com essa disciplina, que os fatores que estão condicionando a referida variação são norteados pela combinação estrutural dos componentes da sentença (fatores internos) e por fatores sociais (externos).

O *corpus* utilizado para este estudo se constitui de dados orais de 10 (dez) pessoas oriundas do município de Vitória da Conquista, observando-se **a faixa etária** ((1) 15 – 25 anos; (2) 26 – 49 anos; (3) de 50 anos acima); **o nível de escolarização** (nível fundamental e nível superior) e **gênero** (masculino e feminino) – que destacamos como condicionantes extralingüísticos. O referido *corpus* foi constituído por um grupo de alunos do Curso de Letras da UESB, sob a coordenação da Prof^a. Ms. Elisângela Gonçalves da Silva. Das entrevistas desses informantes selecionamos 100 (cem) sentenças nas quais pudemos destacar a ocorrência da anaforização do objeto através do clítico, do pronome lexical e da categoria vazia, além de verificar os fatores internos ao sistema que estão concorrendo para o estabelecimento dessas variáveis. Consideramos, pois, como condicionantes lingüísticos, **os seguintes fatores morfossintáticos**: a) os tempos verbais – presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro; b) a distinção entre os tempos simples e locuções verbais com infinitivo e gerúndio; e c) os tipos de orações - absoluta, coordenada, principal, subordinada desenvolvida, subordinada reduzida de infinitivo e de gerúndio; e **o fator semântico**: a animacidade do sujeito – observando o traço [+ animado] e o traço [- animado]

É importante fazermos aqui uma ressalva acerca da Sociolingüística no que concerne a sua instituição enquanto um ramo da Lingüística e seu objeto de estudo, além de mensurar alguns trabalhos já realizados sobre o fenômeno lingüístico (objeto nulo e preenchido pelo clítico e pelo pronome lexical) que se constitui também elemento de nossa pesquisa.

Segundo Mollica (1992), a língua não pode ser, de forma alguma, dissociada de sua função sócio-comunicativa, sendo de pouca relevância distinguir-se Lingüística e Sociolingüística, adotando-se tal distinção meramente por questões didáticas. Alkmim (2005), partilha da mesma opinião no que se refere ao fato de linguagem e sociedade serem

indissociáveis e acrescenta que, para se entender por que nem sempre essa relação (linguagem/sociedade) foi considerada pela Linguística como constituinte do sistema linguístico, é indispensável levar-se em conta o contexto sócio-histórico em que estão inseridos os estudiosos da linguagem ao longo dos tempos. A autora afirma que:

[...] em cada época, as teorias linguísticas definem, a seu modo, a natureza, e as características relevantes do fenômeno linguístico. E, evidentemente, a maneira de descrevê-lo e analisá-lo. (ALKMIM, 2005, p. 22).

Nessa perspectiva é que compreendemos, com Alkmim (2005, p.23), o fato de Saussure, pai da Linguística, definir a língua, em oposição à fala, como objeto central dessa ciência. A referida autora, assim traduz essa concepção saussureana: “a língua é um fato social, mas apenas no sentido de esta ser um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social... privilegiando o seu caráter formal e estrutural não considerando, pois, tudo que é estranho ao sistema”, ou seja, os fatores extralinguísticos. Isto significa que embora o estruturalismo reconheça a existência dos fatores externos à língua, não os considera fundamentais para que se entenda e se conheça internamente um sistema linguístico. Naquele momento, era apenas o sistema interno que interessava aos estudos da Linguística.

A Linguística se constitui como ciência no início do século XX, mas só na década de 60 com William Labov é que a Sociolinguística se configura como uma vertente da Linguística, ocupando-se em estudar intensamente a relação/interação entre língua e sociedade. A teoria laboviana investiga as correlações existentes entre as formas linguísticas variantes que, de acordo com seu autor, são determinadas não só por fatores internos, mas também externos à língua.

Mollica (1992, p.13) assim define a Sociolinguística:

Entende-se, então, a Sociolinguística como um espaço de investigação interdisciplinar que atua nas fronteiras entre língua e sociedade focalizando precipuamente os empregos concretos da língua. Evidenciando, assim, a heterogeneidade natural das línguas que as tornam passíveis de variação.

E, em consonância com essa autora, Tarallo (1986) esclarece que o modelo teórico-metodológico da Sociolinguística parte do objeto bruto, não polido, não aromatizado artificialmente, isto é, a língua em sua essência, usada como veículo de comunicação em situações naturais, “concretas” de interação social.

Alkmim (2005) conclui que são vários os fatores que condicionam a variação linguística, enfatizando, entretanto, que é a imbricação dos mesmos que corrobora para a consolidação de uma forma variante. Mollica (1992, p. 11) também considera que “os condicionamentos que concorrem para a estabilidade de formas variantes são em grande número, agem simultaneamente e advêm de dentro e fora dos sistemas linguísticos”.

Após esta abordagem, ocupar-nos-emos um pouco de trabalhos que se propuseram a investigar a elisão e/ou preenchimento do objeto anafórico.

Galves (2001), ao tratar da sintaxe dos clíticos, observando-a como um dos aspectos que diferencia o português brasileiro do português europeu, faz uma descrição morfossintática do sistema dos clíticos e dos pronomes pessoais do PB e, com base nos resultados de Monteiro (1991), Abaurre e Galves (1996), aponta como um dos fatos que merece destaque o baixo número de ocorrências do clítico acusativo de terceira pessoa *o/a*, e enfatiza que Monteiro, no referido estudo, já aponta, no caso dos verbos pronominais, a alternância entre a realização lexical do “se” e seu apagamento frequente na fala dos informantes. Tais dados embasam a nossa pesquisa, pois visamos a estabelecer um paralelo entre o uso do clítico e o apagamento do objeto direto e seu preenchimento com o pronome lexical, no nosso caso, não só com os verbos pronominais e o pronome “se”, mas com verbo transitivo direto e objeto direto.

A referida autora, entretanto, salienta que os dados de Duarte (1989), obtidos em *corpora* mais recentes, indicam a estabilidade cada vez maior da variável objeto nulo na fala dos brasileiros (constituindo entre 61,2% a 67,6% das ocorrências). Segundo Galves, mesmo nos estudos diacrônicos, a categoria dos clíticos mostra-se uma das mais propensas a sofrer mudanças, pois a diminuição de seu uso fica constatada a partir da primeira metade do

século XIX. Outros autores, como Tarallo (1987) e Cyrino (1993), também citados por Galves (2001), confirmam essa tendência dos clíticos.

De acordo com Tarallo (1987), entre as grandes mudanças sintáticas ocorridas no final do século XX, uma das mais acentuadas foi a reorganização do sistema pronominal do PB que teve como consequências mais importantes a implantação de objetos nulos e sujeito lexical mais frequente. O autor indica, em estudos diacrônicos que, por volta de 1880, a frequência de retenção do clítico “se” começa a decrescer na posição de objeto direto. Outro aspecto que consideramos importante destacar é o fato de Tarallo afirmar que o sistema brasileiro já não emprega os pronomes clíticos há algum tempo - do que discordamos, visto que várias pesquisas confirmam a sua baixa frequência na oralidade, mas não o seu apagamento total. Essa categoria ainda é bem marcada na escrita e em eventos de fala mais elaborados. Nossa opinião, contudo, não nos impede de considerarmos que o pouco uso do clítico tem concorrido em oposição a frequência cada vez maior da categoria vazia e do pronome lexical.

É Duarte (1989), no entanto, quem, de fato, propõe um estudo mais voltado para o estabelecimento dessas variáveis (objeto nulo e pronome lexical). Nesse estudo, a autora comprova que, no português falado no Brasil, paralelamente à queda do clítico há uma elevação do uso do pronome lexical nessa posição e preponderância indubitável da categoria vazia. Para tanto, a autora adota os princípios sociolinguísticos como norteadores de sua pesquisa, considerando como fatores condicionantes para a ocorrência de tal fenômeno aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e sociais.

Com base nesses estudos, principalmente em Duarte (1989), é que nos propusemos a investigar a ocorrência desse fenômeno linguístico em nossa comunidade de fala, pois acreditamos que, para confirmar-se o encaixamento definitivo desta variável no sistema linguístico do português brasileiro, é necessário que ela esteja em uso em diversas regiões do Brasil.

Verificamos que os dados (100 sentenças linguísticas) apresentaram maior índice de elisão do objeto, atingindo um percentual de 64%; vindo logo a seguir o seu preenchimento com o pronome lexical correspondendo a 22% e ocupando o terceiro lugar com 14% o uso do clítico. Mesmo o objeto nulo

representando o maior número de ocorrências, deter-nos-emos ao uso do pronome lexical em contexto anafórico, posto que, desde o início, propusemo-nos a investigar o grau de incidência dessa variável em nossa comunidade de fala. Consideraremos, assim, os fatores que mais condicionam a sua realização, contrapondo-os às demais variáveis aqui referendadas.

Ao buscarmos os condicionamentos que atuam na realização das referidas variantes, baseamo-nos em Duarte (1989), que observa como condicionadores linguísticos os fatores morfológicos, sintáticos e semânticos, e como extralinguísticos a escolarização e a faixa etária dos informantes. Observamos também estes grupos de fatores, só que demos ênfase àqueles que detectamos como mais operativos para a consecução dos objetivos deste trabalho. Nessa perspectiva, destacamos, no campo da morfologia, os tempos verbais e a relação/oposição tempo simples e locução verbal e, no campo da sintaxe, o tipo de sentença. Tratamos também dos fatores extralinguísticos aos quais acrescentamos gênero, além dos já referendados por Duarte.

Quanto à semântica, apesar de a considerarmos como um dos condicionantes, não pudemos incluí-la em nossa análise, visto que, durante o processamento dos dados, não nos foi possível detectar os traços averiguados [+animado/ -animado] em todas as categorias pesquisadas.

É pertinente, aqui, esclarecermos que, numa análise sociolinguística, não se considera apenas o percentual, mas também o peso relativo, que é o que seleciona fatores como significativos para a ocorrência de uma dada variável. Partindo desse pressuposto é que, apesar de a categoria vazia, nesta pesquisa, registrar percentuais mais elevados do que o pronome lexical em quase todos os contextos, podemos apontar **o pretérito perfeito, a locução verbal com infinitivo, a oração subordinada reduzida de infinitivo e o nível fundamental** como fatores que condicionam o uso da variável por nós investigada, pois estes apresentam peso relativo superior às demais categorias.

Conforme a tabela 1 abaixo, constatamos que, embora ocorra em todos os tempos verbais, o pronome lexical tem maior operosidade com o pretérito

perfeito, atingindo o percentual de **38%** equivalente à categoria vazia. É o elevado índice do peso relativo de **0.75**, entretanto, em oposição ao índice do clítico (0.10) e da categoria vazia (0.15), que vai determinar o pretérito perfeito como elemento condicionante mais significativo do pronome lexical.

Tabela 1 - Pronome lexical, de acordo com os tempos verbais

Tempo verbal	Clítico			Pronome lexical			Categoria Vazia			Total	
	N	%	p.r.	N.	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%³⁶
presente	6	10%	0.21	11	17%	0.27	46	73%	0.52	63	100%
pret. perfeito	3	23%	0.10	5	38%	0.75	5	38%	0.15	13	100%
pret. imperfeito	2	20%	0.39	2	20%	0.30	6	60%	0.31	10	100%
futuro	3	21%	0.68	4	29%	0.09	7	50%	0.23	14	100%
total	14	14%	-	22	22%	-	22	64%	-	100	-

Outro fator que tem condicionado a implantação do pronome lexical preenchendo o objeto anafórico é o uso das locuções verbais com infinitivo. Vale ressaltar que, nesse caso, é o índice do peso relativo (**0.57**), que, mesmo não sendo um dos mais elevados, favorece esse fator enquanto condicionante da ocorrência da referida variável, pois supera o índice do clítico (0.13) e da cv (0.30). Isso confirma que, apesar de não se sobrepor à cv nem equiparar-se a ela, no que se refere ao percentual, a locução com infinitivo é, sim, condicionante, do uso do pronome lexical como demonstra a tabela 2.

Tabela 2 - Pronome lexical, de acordo oposição tempo simples / locução verbal.

Tempo simples/ locução verbal	Clítico	Pronome lexical	Categoria Vazia	Total
--	----------------	------------------------	------------------------	--------------

³⁶ Explicações dos símbolos: **N**= quantidade de sentenças; **%** percentual de cada categoria; **p.r.**=peso relativo.

	N	%	p.r.	N.	%	p.r.	N.	%	p.r.	N	%
tempo simples	10	17%	0.60	12	20%	0.14	37	63%	0.26	59	100%
loc. infinitivo	2	6%	0.13	10	28%	0.57	24	67%	0.30	36	100%
total	12	13%	-	22	23%	-	61	64%	-	95	-

No referente ao condicionamento sintático, no qual levamos em conta o tipo de oração, tomaremos como ponto de partida a atuação do pronome lexical em orações como as seguintes:

- (1) [...] e rezar para Deus ajudar **ele**. (ref. “o bandido”). (Mf3F)³⁷
 (2) Para mim proteger **elas** o máximo possível. (ref. “as filhas”). (Mf2F)

Em (1) e (2), o emprego do pronome lexical está condicionado a uma estrutura mais complexa, oração subordinada reduzida de infinitivo, fator sintático preponderante no uso dessa variável. Embora não apresente um percentual significativo (28%) em relação à categoria vazia (61%), esse fator foi selecionado como elemento condicionante significativa da variável em questão dado o alto índice apresentado por seu peso relativo (**0.62**), contrapondo-se expressivamente aos pesos relativos (0.11) e (0.27), respectivamente, representativos do clítico e da categoria vazia. Isso demonstra que o falante, ao usar o pronome lexical, dá preferência a esse tipo de oração ao invés de estruturas com orações absolutas em períodos simples e orações subordinadas desenvolvidas.

Tabela 3 - Pronome lexical, de acordo com o tipo de oração

Tipo de oração	Clítico			Pronome lexical			Categoria vazia			Total	
	N	%	p.r.	N.	%	p.r.	N.	%	p.r.	N	%
simples	5	36%	0.84	2	14%	0.05	7	50%	0.11	14	100%
coordenada	2	5%	0.11	10	27%	0.45	25	68%	0.44	37	100%
subordinada desenvolvida	5	21%	0.40	3	13%	0.28	16	67%	0.32	24	100%
Subordinada	2	11%	0.11	5	28%	0.62	11	61%	0.27	18	100%

³⁷ Dados dos informantes: M=masculino; f3=faixa etária 3 (de 50 anos acima); F= nível fundamental.

Reduzida infinitivo											
Total	14	15%	-	20	22%	-	59	63%	-	93	-

É notória uma estabilidade tanto dos percentuais como dos pesos relativos em quase todos os fatores. Destacamos, todavia, que, em alguns desses elementos condicionantes, ocorre elevação considerável do peso relativo, como é o caso do clítico no tempo futuro (0.68), no tempo simples (0.62) e nas orações absolutas (0.84); e da categoria vazia no tempo presente (0.52), além, é claro, do pronome lexical cujos pesos relativos já foram apontados no decorrer dessa análise.

Em se tratando do emprego do clítico, os dados confirmam o que é proposto por outros estudiosos, que o falante do PB quase não mais usa essa categoria. Durante a análise, no entanto, uma ocorrência do seu uso, divergente do estudo que estamos propondo e do padrão pré-estabelecido pela GT, mereceu a nossa atenção:

(3) Tem que ver essa concorrência como algo que **lhe** estimule a produzir mais. (Ff2S)

Em (3), o pronome **lhe**, que, segundo a GT, deve ser complemento do verbo transitivo indireto, isto é, deve sempre funcionar como objeto indireto, é empregado pelo falante num contexto de objeto direto. Registramos apenas essa ocorrência, mas sabemos que este uso tem se tornado recorrente entre os falantes do PB, visto que, em eventos naturais de fala, não há rigidez quanto ao uso da regência verbal. Consideramos este um fenômeno que deve ser mais bem investigado, mesmo observando-se a quase extinção do uso do pronome clítico.

No concernente aos fatores extralinguísticos, constatamos que o nível de escolarização do falante é o fator de maior relevância no condicionamento do emprego do pronome lexical. A tabela 5 abaixo evidencia que essa variável é marcadamente utilizada pelos falantes de nível fundamental (35%), já que entre os falantes de nível superior registrou-se apenas uma ocorrência de seu uso (2%). Verificamos que dentre os fatores extralinguísticos, é o nível de

escolarização que mais condiciona o uso do pronome lexical na posição de objeto anafórico, visto que o peso relativo dessa variável alcança o considerável índice de **0.78**, enquanto o clítico e a categoria vazia abrangem apenas os níveis de 0.07 e 0.16, respectivamente. Por outro lado, o percentual favorece a categoria vazia, mas o percentual do pronome lexical (35%) não deixa de ser interessante para a nossa análise pelo motivo acima exposto.

Tabela 4. Pronome lexical, de acordo com o nível de escolarização

Escolarização	Clítico			Pronome lexical			Categoria vazia			Total	
	N	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%
nível fundamental	3	5%	0.07	21	35%	0.78	36	60%	0.16	60	100%
nível superior	11	27%	0.67	1	2%	0.06	28	70%	0.27	40	100%
total	14	14%	-	22	22%	-	64	64%	-	100	

Cabe enfatizar que, das 22 sentenças em que há ocorrência do objeto direto anafórico preenchido pelo pronome lexical, 21 (95%) corresponde a falantes com escolaridade fundamental. Em contrapartida, é com esses falantes também que se registra o menor índice de uso do pronome clítico, apenas 5%. Isso quer dizer que, enquanto o falante de nível superior evita o lexical e dá preferência ao clítico, ocorre o oposto com o falante de nível fundamental. Já a categoria vazia não está condicionada a esse fator, pois, como podemos observar na referida tabela, dá-se quase na mesma proporção nos dois níveis.

Podemos, assim, inferir que a ocorrência de todas essas variáveis está prevista no sistema linguístico, sendo, contudo, o fato de o falante não estar condicionado a convenções, normas e regras gramaticais que viabiliza a realização da categoria vazia e do pronome lexical em detrimento do clítico.

Salientamos ainda que entre os fatores faixa etária e gênero não registramos percentuais significativos para este trabalho, mas se pode observar que a variável pesquisada encontra maior aceitação entre os homens no referente ao gênero e entre os jovens (de 15 a 25 anos) e adultos (de 50 anos acima) no referente à faixa etária, conforme apontam as tabelas 5 e 6.

Tabela 5 - Pronome lexical, de acordo com a faixa etária

Faixa etária	Clítico			Pronome lexical			Categoria vazia			Total	
	N	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%
1:15-25 anos	1	5%	0.25	6	30%	0.32	13	65%	0.43	20	100%
2: 26-49 anos	5	13%	0.36	5	13%	0.25	30	75%	0.39	40	100%
3: de 50 anos acima	8	20%	0.37	11	27%	0.43	21	52%	0.20	40	100%
total	14	14%	-	22	22%	-	64	64%	-	100	

Tabela 6. Pronome lexical, de acordo com o gênero

Gênero	Clítico			Pronome lexical			Categoria vazia			Total	
	N	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%	p.r.	N	%
masculino	5	10%	0.19	13	26%	0.50	32	64%	0.31	50	100%
feminino	9	18%	0.51	9	18%	0.19	32	64%	0.30	50	100%
total	14	14%	-	22	22%	-	64	64%		100	-

Faz-se necessária aqui uma ressalva à questão do condicionamento semântico, bem como a outros fatores morfológicos e sintáticos. Como dissemos anteriormente, consideramos também como condicionante desse fenômeno linguístico (objeto direto anafórico preenchido pelo pronome lexical) o grupo de fatores [animacidade do sujeito]. No decorrer da pesquisa, entretanto, não foi possível efetivá-lo como um dos nossos fatores, visto que ocorreu *knockout*⁴ ao rodarmos as sentenças no programa “Varbrul”⁵, próprio para análises sociolinguísticas variacionistas. Em relação a esse fator, as sentenças apresentaram ocorrência **zero** do traço [-animado] em estruturas com clítico e pronome lexical, o que não inviabilizou, contudo a nossa constatação de que, conforme outros trabalhos nessa área, o traço [+animado] tem condicionado, em nossa comunidade, a realização do

4 Acontece *knockout* toda vez que há ocorrência de uma categoria variante (100%), ou quando as ocorrências se dão em igual proporção.

5 VARBRUL é utilizado para a quantificação de dados em análises sociolinguísticas; durante a codificação dos dados dessa pesquisa, usamos os quatro programas computacionais do VARBRUL: a) CHECKTOC; b) READTOK; c) MAKECELL ou MAKE3000; d) VARB2000.

pronome lexical, primeiramente e a seguir do clítico. Já o traço [-animado] condiciona a categoria vazia. Ocorreu *knockout* também com alguns caracteres morfológicos⁶ e sintáticos⁷.

CONCLUSÕES

Pela análise do *corpus*, considerando a quantificação e interpretação dos dados, chegamos à conclusão de que a hipótese por nós postulada, que entre os conquistenses a ocorrência do objeto anafórico preenchido pelo pronome lexical seria superior ou equivalente à categoria vazia, não foi comprovada, pois, apesar de o uso da variável investigada ser favorecido pelo peso relativo em alguns contextos, não se sobrepõe, na maioria dos casos à categoria vazia, além de os percentuais apontarem que o português falado em nossa comunidade não difere da modalidade de outras regiões do Brasil já pesquisadas por outros estudiosos, nas quais prevalece a elisão do objeto.

Embora, no referente ao percentual, o pronome lexical não tenha sido contemplado, pudemos destacar fatores linguísticos que têm condicionado o seu uso nessa comunidade, como o pretérito perfeito, as locuções com infinitivo e as orações reduzidas de infinitivo, nas quais o peso relativo apresenta-se superior tanto à categoria vazia como ao clítico. Outro fator que também tem corroborado para o encaixamento dessa variável no sistema do português falado pelos conquistenses é o nível fundamental.

Ainda que o resultado não tenha sido favorável à comprovação da nossa hipótese, acreditamos que há uma tendência para o crescimento dessa variável no falar dessa comunidade e, portanto, propomo-nos a continuar investigando esse fenômeno.

6 No grupo de fatores tempo verbal, o futuro do presente apresentou 0% (zero) com o pronome lexical, 50% com a categoria vazia e 50% com o clítico, ao passo que o futuro do pretérito apresentou 0% (zero) com o clítico, 50% com o lexical e 50% com a categoria vazia. Nesse caso, resolvemos juntar ambos e denominá-los apenas como **futuro**, posto que se trata de um mesmo tempo verbal em diferente circunstância. Em relação a tempos simples e locuções verbais, o *knockout* se deu com as locuções formadas com o gerúndio, nas quais o **zero** marcou o pronome lexical.

7 Quanto ao tipo de sentença, em oração principal, obtivemos **zero** com o clítico e, na subordinada reduzida de gerúndio, o **zero** ocorreu também com o clítico e pronome lexical. Nesses três últimos casos, optamos por

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 21-47.
- CAMARA JR., J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática: referente à língua portuguesa**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 94, 220-221.
- DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias Sociolinguísticas**. Campinas, SP: Pontes, 1989, p. 19-34.
- GALVES, C. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- MOLLICA, M. C. (Org.). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Cadernos Didáticos. URFJ, 1992.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.
- TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar ao final do século XIX". In: ROBERTS, I., KATO, M. A. (Org.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993, 69-106.